

Educação, Linguagens e Desenvolvimento da Autonomia

Edna Maria de Oliveira Ferreira (edmaof@hotmail.com)
<http://lattes.cnpq.br/12518758896052186>

INTRODUÇÃO

O ser humano difere dos outros animais, entre outros fatores, porque é constituído de linguagem. Linguagem entendida como “lugar de interação que possibilita aos membros de uma sociedade a prática dos mais diversos tipos de atos, que vão exigir dos semelhantes reações e/ou comportamentos, levando ao estabelecimento de vínculos anteriormente inexistentes” (KOCH, 1997, p.9). Não que os outros animais não se comuniquem, mas são desprovidos do poder de criação. Ao ser humano, porém, é dada a possibilidade de se comunicar, socializar suas ideias e sentimentos, expor opiniões, enfim, integrar-se ao grupo maior, fazendo uso dessa criatividade.

O homem necessita estar em constante interação com a realidade a sua volta. Portanto, o domínio da língua, em qualquer uma de suas duas modalidades, oral ou escrita, é imprescindível para garantir participação social ativa e efetiva, já que é por meio dela que se tem acesso à informação ou se produz conhecimento, estabelecendo comunicação e, até, exercendo influência sobre seus interlocutores.

As mudanças, resultantes do avanço tecnológico, provocaram e ainda provocam novas formas de pensar o mundo, de construir conhecimentos e de fazer linguagem. Cabe à sociedade, principalmente, às instituições que oferecem a educação formal, acompanhar essas mudanças, evitando-se a obsolescência e utilizando os benefícios desses avanços em seu favor.

A internet, por exemplo, vem possibilitando outras formas de relação com o texto e com a escrita¹. Ao professor e à escola cabe, portanto, a tarefa de adotar uma perspectiva positiva e aberta, numa atitude de busca do novo; do que está por vir, em lugar de uma visão pessimista ou de uma postura ingênua, própria dos consumidores acríticos (Freitas, 2005, p. 16). É nesse contexto dinâmico que emergem os gêneros digitais, aproximando ainda mais a fronteira entre o oral e escrito. As preocupações com a norma gramatical cedem lugar à praticidade. O prazer da interatividade assume

¹ O contexto sociocultural do qual participam os aprendentes tem oferecido a eles outras alternativas de leitura e escrita, significativas e prazerosas, às vezes, ignoradas pela escola. (FREITAS & COSTA, 2005, p. 8).

importância maior, relegando a segundo plano as preocupações com a norma gramatical. Assim, resta à escola/educação repensar sua função, rearticular as várias linguagens contemporâneas e perceber o aluno/sujeito em sua uno-multiplicidade.

Num país como o Brasil, que apresenta características, como: má distribuição de renda, altos índices de violência, ausência de qualidade na educação, saúde precária, corrupção alarmante, crescimento de religiões e seitas – como forma de driblar essa sensação de impotência experimentada no dia-a-dia, quando o cidadão é submetido a certas situações de conflito – deve-se analisar e refletir o perfil de homem que se quer e precisa alcançar, através da educação sistematizada e oferecida nas instituições. Logo, essas questões devem estar sempre no foco dos debates.

Como a qualificação do profissional da educação também não se realiza a contento no país, há predomínio de abordagens simplistas nas escolas das muitas regiões do Brasil, quase sempre guiadas pelo senso comum; sem apego a um aporte teórico. Isso interfere, sobremaneira, na formação do homem que se tem em mãos, porque esse homem termina por vivenciar na escola apenas exercícios de memorização, em prejuízo da formação de sua autonomia e de sua identidade. Isso deve fazer parte também das discussões travadas acerca da qualificação do profissional em educação.

É válido salientar que o homem moderno não se mostra solícito a essas mudanças, mas já as percebe como necessárias. Assim, fomentam-se novas buscas, novos direcionamentos, novas construções e reconstruções, em direção daquilo que poderá trazer conforto (certeza) para a humanidade, em tempos pós-modernos e diante das muitas (incertezas) em que estamos ou nos vemos mergulhados (Demo, 2000, p. 37).

NOVOS DESAFIOS: A REORGANIZAÇÃO DO MUNDO FRENTE AOS NOVOS SABERES, NOVAS LINGUAGENS E NOVAS TECNOLOGIAS

O mundo é dinâmico e se transforma constantemente. As mudanças são de ordem social, econômica, política, cultural e tecnológica. Então, de tempo em tempo, os paradigmas estabelecidos já não correspondem mais às expectativas. Resta-nos “inventariar, criticar e reconstruir a Educação, num processo dialético”, brincando de fazer Filosofia, como sugere Luckesi (2001, p. 12).

E é nessa perspectiva que se tenta a articulação entre teoria e prática, na criação de modelos eficientes e que atendam aos anseios da sociedade. Há que perceber um conceito de 'homem' predominante, para, a partir dele, delinear a escola que queremos: seus conteúdos, sua filosofia, suas práticas, seus ensinantes e seus aprendentes.

É evidente a necessidade de transformar a educação para que se adapte às mudanças provocadas pelas novas tecnologias na sociedade, nos sujeitos, na linguagem e na própria construção de conhecimentos, confirmando o que diz Pierre Lévy (1993, p. 17):

As redes de comunicação interativa acompanham e ampliam uma profunda mutação da informação e da relação com o saber. As novas possibilidades de criação coletiva, de aprendizagem cooperativa e de colaboração em rede oferecida pelo ciberespaço põem em discussão o funcionamento das instituições e os modos habituais de divisão do trabalho tanto nas empresas quanto nas escolas.

Todas as transformações tecnológicas por que passou o mundo nas últimas décadas do século XX, oportunizaram o surgimento da era da informação/informática e provocaram debates sobre o tipo de educação que a sociedade deseja/necessita. Nesse sentido, Misukami (1986, p. 32) observa “a impossibilidade de uma teoria resistir às mudanças sociais, filosóficas e psicológicas, pelo menos do ponto de vista de quem a analisa e a utiliza para participar do mundo que o cerca”, daí a necessidade de constantes buscas e renovações.

Isso reforça a idéia de que a escola tem objetivos a serem alcançados e é a responsável por trabalhar cada criança, em sua singularidade, contribuindo para o sucesso dessa criança no momento de saída dessa escola, quando a criança deverá dar provas de que correspondeu ao que dela se esperava: viver bem e dirigir sua própria vida, demonstrando autonomia de pensamento e de ação.

Assim, é preciso ter em mente que o trabalho pedagógico, longe de ser um ato neutro, pressupõe intenções em relação ao tipo de homem que se quer formar. Há uma filosofia subjacente à prática de cada professor que pode não coincidir com os anseios da sociedade. Por isso, recomenda-se cautela na escolha dos métodos, técnicas e teorias pedagógicas. Santos (2005, p.73) sugere até que todo professor elabore seu próprio quadro conceitual, minimizando a possibilidade do trabalho desse professor ser mera

reprodução daquilo que outros tantos já fizeram. Desse modo, esse professor estará menos propenso aos efeitos da falsa neutralidade dos métodos e programas.

A falta de uma política educacional emancipatória, construída com a participação ativa da sociedade, emperra as tomadas de decisão. Usualmente, as decisões são instituídas por um pequeno grupo que se diz representante de todos. Isso incide no conceito que se tem de homem e apresenta pontos positivos e negativos: como positivo poderíamos citar o fato de as decisões instituídas cederem lugar a práticas várias, emergentes de cada contexto e promovendo a criatividade, além de permitir reações de resistência ao instituído.

Mas por outro lado, apresenta-se como negativo o fato de não se ter um eixo epistemológico em que essas práticas/ ações/ decisões possam se assentar. Desse modo, o fazer pedagógico não tem sustentação teórica. Há o alheamento do professor quanto aos saberes produzidos e, conseqüentemente, o alijamento do aluno, do processo de renovação.

Nessa busca persistente há que se suscitar debates sobre a Educação do Futuro. Fazem-se necessários questionamentos pertinentes e que envolvam os educadores de toda sociedade. São muitas as dúvidas acerca das teorias e práticas; do (por quê?) ensinar; da dualidade entre razão e emoção. Enfim, a educação do futuro está para ser pintada e matizada com as cores e conceitos que valorizem as outras dimensões menos enfatizadas e denegridas pelo cartesianismo ao priorizar a razão (SANTOS, 2005, p. 52).

É tarefa da sociedade fazer uma incursão pelas diversas abordagens e tentar definir o papel do professor, em tempos atuais; as necessidades do indivíduo para sua realização pessoal e profissional. Gadotti (2001, p. 68) apresenta como resposta possível a essa questão a seguinte afirmação:

Ser professor hoje é viver intensamente o seu tempo; conviver; é ter consciência e sensibilidade – no que coincide com os anseios de uma grande maioria que já se assenhorou de que cabe ao professor formar consciência crítica (...) sentido para a vida das pessoas.

A dinamicidade faz com que idéias e conceitos sofram ajustes e se amoldem, conforme exigência dessa mesma dinâmica; o conhecimento é tomado como 'rede de conexões', como denomina Santos (idem, p. 35). Cabe ao professor reconstruir

referências transdisciplinares, ao invés de se ater a uma aplicação de modelos elaborados, sugere a mesma autora.

É nesse contexto que se admite a aquisição das linguagens múltiplas, resultantes da convivência do aluno, “no mundo interativo dinâmico, sem fronteiras, ágil, colorido, movimentado, não necessariamente um ‘paraíso’ (...) e puderem controlá-lo, mais se desenvolverão em suas capacidades motoras, lingüísticas e cognitivas” (COSTA, 2005, p. 26). O acesso e a participação do aluno no ciberespaço representam ganho em relação ao exercício de cidadania, uma vez que a linguagem trabalha e possibilita a autonomia de pensamento e de expressão desse pensamento, por parte do aluno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No mundo Pós-Moderno, não há espaço para apenas a memorização ou para a construção do que já foi alcançado pelos alunos (repetição), mas para estágios cada vez mais adiantados e que ainda não foram incorporados pelos aprendentes. Esses novos princípios, essas novas reconceitualizações trazem suas contribuições, por mostrarem que o conhecimento não é estático. Logo, a educação deve ser também transformadora a começar pelas linguagens de que se utiliza.

Por último, evidencia-se que só um pensar inter e transdisciplinar, multirreferencial e reorganizativo pode garantir a sobrevivência do homem, uma vez que a humanidade é uma invenção contínua (Libâneo e Santos, 2005, p. 32) – idéia com a qual comungamos. O ensino na Pós-Modernidade deve trilhar o caminho do diálogo constante do ser aprendente com o conhecimento, num processo de autoconstrução, em que ocorre, simultaneamente, o uso da razão, das sensações, emoções e intuições, compondo as ecologias cognitivas, propostas por Pierre Lèvy.

É válido registrar que o consenso em torno dos objetivos que se almejam para a educação no Brasil, somado a uma definição de valores culturais universais, sem desprezar o pluriculturalismo; a definição de um currículo assentado numa formação científica, não subestimando vivências socioculturais e afetivas, atrelados a uma organização institucional da escola de modo a proporcionar um clima de efetivo trabalho intelectual e que não discrimine, poderá vir a ser uma via possível e eficaz, porque fará da escola um espaço de socialização e de respeito às diferenças, conforme propõem Libâneo & Santos (2005, p. 33).

Enfim, a sobrevivência do homem está intimamente ligada a sua abertura para um movimento recursivo, reorganizativo e de reconceitualizações do conhecimento. Isso é facilitado pela valorização da educação e da linguagem como instrumentos de desenvolvimento da autonomia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSTA, S. R. **Oralidade, escrita e novos gêneros de mediação e desenvolvimento cognitivo?** In: FREITAS, M. T.de A. & COSTA, S. R. (Orgs.) **Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

DEMO, P. **Certeza da Incerteza: ambivalências do conhecimento e da vida**. Brasília: Ed. Plano, 2000.

FREITAS, M. T. de A. **Da tecnologia da escrita à tecnologia da internet**. In: FREITAS, M. T.de A. & COSTA, S. R. (orgs.) **Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

GADOTTI, M. **Perspectivas atuais da educação**. Porto Alegre, Ed. Artes Médicas, 2001.

KOCH, I. G. V. **Argumentação e Linguagem**. São Paulo: Cortez, 1997.

LIBÂNEO, J. C & SANTOS, A. **As teorias pedagógicas modernas revisitadas pelo debate contemporâneo**. In: **Educação na era do conhecimento em rede e transdisciplinaridade**. Campinas, SP: Alínea, 2005.

LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência**. Rio de Janeiro: Ed 34, 1993.

LUCKESI, C. **Filosofia da educação**. São Paulo: Cortez, 2001.

MIZUKAMI, M. G. **Ensino: as abordagens do processo**. São Paulo: EPU, 1986.

MORIN, E. **A cabeça bem feita: repensar a reforma: reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

SANTOS, Akiko. **Didática sob a ótica do Pensamento Complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

SOBRE A AUTORA

Edna Maria de Oliveira Ferreira é Mestre em Educação Agrícola, pelo PPGEA/UFRRJ, Pós-Graduada em Didática do Ensino Superior, pela UCSAL-BA, formada em Letras e Pedagogia, pela UNIOESTE-SP e Professora de Língua Portuguesa na EAFSB-BA.